

# A universidade e a modernização conservadora na Bahia: Edgard Santos, o Instituto de Matemática e Física e a Petrobras

University and the conservative modernization in Bahia: Edgard Santos, scientific institutes and Petrobras

**ANDRÉ LUÍS MATTEDI DIAS**

Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS | Programa em Ensino, Filosofia e História das Ciências

*RESUMO* – Durante o reitorado de Edgard Santos (1946-1960), a Universidade da Bahia (UBa) participou destacadamente da modernização conservadora na Bahia. Por exemplo, a fundação do Instituto de Matemática e Física (IMF) em 1960 articulou interesses acadêmicos, científicos e políticos. Com a derrota de sua candidatura para reitor naquele mesmo ano, tornaram-se protagonistas os seus adversários, mas não se interrompeu a participação da UBa na modernização conservadora. A implantação de um plano de geofísica no Instituto propiciou um convênio com a Petrobras para formação de pessoal especializado, desenvolvimento de pesquisas e aquisição de um computador de grande porte.

*Palavras-chave:* Bahia; universidade; modernização; ciências; Edgard Santos.

*ABSTRACT* – Some Historians presents Edgard Santos, Rector of University of Bahia (1946-1960), as a hero of modernity and progress, sponsor of the arts and humanities. This paper shows him as an inheritor of a traditional aristocratic family, educated in the context of the oligarchical conflicts of the First Republica, leader and as the best player of political games of the period. Under his administration, the University played a important role in politics, economics, artistic and scientific movements on Bahia's landscape: conservative modernization. Particularly, his alliance with a young professor of the Faculty of Philosophy produced the Institut of Mathematics and Physics, a project that articulated his own political-academical interests, local and national scientific interests, and federal government administrative interests. But when his rector's candidature lost the run in 1960 and his opponents became winners, University contributions for conservative modernization continued. The institutionalization of geophysical project at the Institute of Mathematics and Physics brought a contract with Petrobras for training specialized human resources and developing scientific and technological research.

*Key-words:* Bahia, university, modernization, science, Edgard Santos.

125

## Introdução

Os especialistas da área já conhecem bem o primeiro momento do processo de profissionalização da história das ciências no Brasil, quando foi reivindicada a possibilidade de as ciências serem consideradas como temáticas legítimas para a pesquisa em qualquer delimitação temporal ou espacial da história do país e foram justificadas as inovações conceituais e metodológicas que fundamentavam essa reivindicação<sup>1</sup>. Mais recentemente, a área alcançou um outro momento, quando têm sido recusados sistematicamente os enfoques baseados na difusão e na recepção das ciências de origens européias, para tratar das representações e apropriações dessas ciências historicamente situadas em um contexto

cultural próprio<sup>2</sup>, acompanhando assim algumas tendências atuais da história cultural de analisar as práticas humanas tomando como objeto de suas investigações as operações pelas quais os significados são localmente produzidos<sup>3</sup>. Ao longo dessa trajetória, desde o seu início, têm sido bastante valorizadas, dentre outras, as temáticas relacionadas com os processos de institucionalização das ciências no Brasil<sup>4</sup>, com destaque para suas associações com as dinâmicas sociais locais, sem prejuízo de suas ligações com o processo mais amplo de mundialização das ciências<sup>5</sup>.

Ora, pesquisando os processos de institucionalização e profissionalização da matemática na Bahia ao longo do século XX, notei a ausência da temática científica nos estudos existentes sobre a intensa movimentação cultural que tomou conta de Salvador no final dos anos de 1950 e início dos de 1960<sup>6</sup>. Nesses estudos, a Universidade da Bahia (UBa), como era chamada à época a Universidade Federal da Bahia (UFBa), liderada por um de seus fundadores e primeiro reitor, Edgard Santos, é apontada como instituição incentivadora e sustentadora de uma série de movimentos renovadores no campo das artes, da música, da dança, das artes plásticas e cênicas, da literatura, das humanidades, embora tenha sido desprezada ou ignorada uma série de iniciativas no campo científico, com repercussões culturais, políticas e econômicas nos diversos âmbitos da sociedade baiana. Será que os estudiosos desse período consideraram que não houve atividade científica digna de registro para a história baiana? Ou será que consideraram que a esfera científica não deveria ser incluída no âmbito das práticas e representações de caráter cultural que tiveram tanta importância na crítica do “provinciano” e na abertura para o “cosmopolita”, que marcaram a passagem dos anos de 1950-60 na Bahia?

É possível que as respostas a essas duas perguntas sejam negativas e que existam outras razões para a referida ausência. Todavia, adotando uma premissa cada vez mais presente na historiografia, que conceitua as ciências como práticas culturais social e historicamente localizadas, quero chamar a atenção neste artigo para as possibilidades de uma investigação mais sistemática e acurada sobre o(s) lugar(es) das práticas e representações científicas nos processos de acentuadas transformações culturais que tiveram lugar na Bahia no período posterior à Segunda Guerra Mundial.

Pretendo fazer isso, primeiramente, delineando um perfil biográfico, profissional, social e político de Edgard Santos, bem como recenseando rapidamente uma série de iniciativas de caráter científico-institucional concretizadas durante sua longa gestão como reitor da Universidade da Bahia, sem deixar de apontar suas possíveis conexões, vínculos e motivações de caráter social e político mais amplo. Em outras palavras, tentarei estabelecer relações dessas iniciativas científicas com uma série de projetos modernizadores desenvolvidos em diversos âmbitos da sociedade baiana, que contaram, de uma forma ou de outra, com a participação fundamental da UBa e que foram qualificados como modernização conservadora por conta de suas motivações e interesses profundamente enraizados nos grupos oligárquicos politicamente hegemônicos.

Finalizarei com um estudo mais detalhado sobre o Instituto de Matemática e Física (IMF) da UBa, tentando mostrar como a sua trajetória resultou da articulação de uma série de interesses científicos locais e nacionais, com interesses político-acadêmicos locais e com interesses econômico-tecnológicos empresariais. Esse Instituto pode ser visto como um exemplo da efetiva participação da UBa na modernização conservadora da Bahia: a implantação do seu plano de geofísica propiciou um convênio com a Petrobras para formação de pessoal altamente especializado e desenvolvimento de pesquisas científicas e tecnológicas, que propiciou a aquisição do primeiro computador de grande porte da UBa.

## Edgard Santos: formação e ascensão

Edgard do Rego Santos nasceu em Salvador em 1894, filho de uma família aristocrática baiana. Foi sobrinho-neto do senador estadual Araújo Santos, sobrinho de Pedro Joaquim dos Santos, magistrado do Supremo Tribunal Federal, filho do bacharel João Pedro dos Santos, bem-sucedido político da Primeira República, que foi chefe da polícia do governo Severino Vieira (1900-1904), secretário da Fazenda do governo José Marcelino (1904-1908) e deputado federal na legislatura iniciada em 1906<sup>7</sup>. Durante o predomínio da oligarquia seabrista, a partir de 1912, João Pedro dos Santos foi afastado dos cargos públicos e políticos, mas foi reeleito deputado federal em 1924, quando José Joaquim Seabra perdeu o poder estadual para as oligarquias calmonista e mangabeirista, cumprindo mandatos sucessivos até o golpe de 1930<sup>8</sup>.

Com essas referências familiares, Edgard Santos viveu toda sua juventude na capital baiana, acompanhando de perto as acirradas disputas políticas dos grupos oligárquicos ao longo da Primeira República<sup>9</sup>. Depois de formado pela Faculdade de Medicina da Bahia (Famed) em 1917, ele se afastou desse ambiente: passou quatro anos em São Paulo, onde trabalhou sob orientação de seu tio, o cirurgião Antônio Luiz do Rego. Breve retorno para o casamento com Carmem Figueira, em 1922, seguindo logo depois para a Europa. Lá permaneceu até o final de 1923, quando retornou a Salvador, onde fixou residência, abriu um consultório e iniciou sua carreira de cirurgião.

Por coincidência ou não, nessa mesma época, mais precisamente, a partir de 1924, João Pedro dos Santos retomava sua carreira política, ocupando uma cadeira no Legislativo Federal até 1930. Esse foi um período de intensa agitação política na Bahia e no Brasil. Em 1922, a eleição de Arthur Bernardes para presidente da República e a ascensão de Miguel Calmon ao Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio marcaram o início da queda de José Joaquim Seabra no âmbito estadual, que se confirmou com a eleição de Francisco Marques de Góes Calmon para governador no final de 1923 e a ascensão de Octávio Mangabeira à liderança da bancada federal baiana em 1924<sup>10</sup>.

Aproximadamente um ano depois, Edgard Santos teve o seu primeiro contato direto e pessoal com o jogo da política oligárquica na Bahia. Em agosto de 1925, foi dispensado 12 dias depois da sua primeira nomeação interina para catedrático da Famed, devido a manobras de seus adversários. Nova nomeação interina ocorreu em março de 1926, em processo que envolveu o ministro da Justiça. Finalmente, o concurso que o efetivou na cátedra de cirurgia ocorreu em 1927, em uma disputa em que aliados e adversários defenderam e atacaram a sua candidatura<sup>11</sup>.

Em 1932, João Pedro dos Santos e Edgard Santos voltaram a envolver-se diretamente no jogo político. João Pedro foi um dos poucos políticos da Primeira República a aderir ao interventor Juracy Magalhães, sendo nomeado secretário do Interior e da Justiça<sup>12</sup>. Já Edgard Santos foi nomeado diretor da Assistência Pública de Saúde, o serviço estadual de pronto-socorro da capital. Em 1936, ainda ocupava esse cargo e dirigia a construção do novo hospital de pronto-socorro, quando foi nomeado por Getúlio Vargas para a diretoria da Famed<sup>13</sup>.

Dessa forma, Edgard Santos conheceu desde cedo e bem de perto as regras do jogo político da época, no qual dominavam os grupos oligárquicos que ocupavam os espaços públicos e dividiam seus territórios em zonas de influência, segundo as quais as decisões sempre eram tomadas de acordo com os interesses dos chefes e em atenção às reivindicações de seus correligionários. Um modelo análogo dominava também o ambiente acadêmico da Famed, da Faculdade Livre de Direito da Bahia (FLDB) e da Escola Politécnica (EP), onde os catedráticos exerciam o poder nas suas áreas de conhecimento, tal como os chefes oligárquicos faziam nos seus territórios políticos. Nas disputas pelas posições e pelos

cargos, organizavam-se para defender os seus aliados e amigos, seus discípulos, filhos, parentes ou afilhados<sup>14</sup>.

Edgard Santos enfrentou com sucesso esse tipo de relação de poder ao longo de toda sua carreira, tendo ocupado por 25 anos ininterruptos dois dos principais cargos federais na Bahia: primeiro, como diretor da Famed, de 1936 a 1946; depois, como reitor fundador da Universidade da Bahia (UBa), de 1946 a 1961, em um período muito conturbado, de grandes oscilações nas esferas políticas federal e local. Portanto, esse foi um jogo que Edgard Santos soube jogar, aliás, mais do que isso, ele foi um dos melhores.

## **A universidade e a modernização conservadora da Bahia<sup>15</sup>**

A UBa foi fundada em 1946, pela reunião das três tradicionais escolas profissionais – Famed, FLDB e EP – com a Faculdade de Filosofia da Bahia (FF) e a Faculdade de Ciências Econômicas (Faceb)<sup>16</sup>. Durante a gestão de Edgard Santos, a UBa participou destacadamente de um período muito dinâmico da história baiana, quando movimentos políticos, econômicos, artísticos e científicos produziram profundas repercussões no estado.

Teve muita influência nesse período a Concentração Autonomista da Bahia, uma duradoura facção política baiana<sup>17</sup>. Em 1932, diversos grupos oligárquicos locais, afastados do poder pelo golpe tenentista, empunharam a bandeira da recuperação da autonomia política do estado e aglutinaram-se na oposição ao governo de Getúlio Vargas<sup>18</sup>. Desarticulada pelo Estado Novo em 1937, a Concentração alcançou o poder político local em 1947, quando seu mais proeminente líder, Octávio Mangabeira, venceu as eleições, assumiu o governo e iniciou a implantação de uma série de projetos de modernização conservadora.

Um desses projetos tinha como finalidade introduzir o planejamento científico no direcionamento das ações governamentais baianas. Ainda no governo Mangabeira (1947-1951), Anísio Teixeira, secretário da Educação e Saúde, criou em 1951 a Fundação para o Desenvolvimento da Ciência na Bahia, cujo objetivo era dar embasamento científico às políticas públicas de desenvolvimento. A Fundação financiou o convênio Estado da Bahia – Columbia University, que contou com importante participação da UBa<sup>19</sup>, já que seu coordenador, Thales de Azevedo, além de secretário e presidente da Fundação, também era catedrático de antropologia da FF<sup>20</sup>.

Além da militância política, os integrantes da Concentração Autonomista também tiveram marcada atuação no ambiente intelectual baiano. Dentre eles, destacou-se um grupo de historiadores, à frente Luiz Viana Filho e Wanderley de Araújo Pinho, inicialmente ligados à FLDB, posteriormente à FF e à UBa<sup>21</sup>, que se dedicou a reconstruir a memória histórica regional, produzindo uma narrativa do passado que fez a apologia das tradições baianas e respaldou o discurso reivindicatório autonomista. O momento culminante dessa escola historiográfica foi a comemoração do aniversário do quarto centenário de Salvador em 1949<sup>22</sup>. Para esse evento, organizado pelo prefeito Wanderley de Araújo Pinho, o governador Octávio Mangabeira encomendou uma série de trabalhos históricos sobre a Bahia e sua capital a Thales de Azevedo, a Luiz Viana Filho e a outros historiadores do grupo autonomista. Segundo Thales de Azevedo, o objetivo de Mangabeira era “apresentar subsídios para um processo de desenvolvimento da Bahia”<sup>23</sup>.

A essa movimentação no plano político, encabeçada pelos autonomistas até o final dos anos de 1950<sup>24</sup>, correspondeu uma movimentação semelhante no plano econômico, pois alguns poucos e grandes grupos exportadores, bancários e industriais articulavam desde o final da Segunda Guerra um projeto de desenvolvimento regional que previa a implantação na Bahia das atividades de exploração e refino

de petróleo, das indústrias de transformação e da petroquímica. Segundo Antônio Sérgio Guimarães, instituições como a Associação Comercial da Bahia e o Banco da Bahia colaboraram decisivamente na elaboração de uma série de estudos sobre a situação econômico-financeira do estado, fundamentando a retórica de um discurso regionalista que defendia a implantação daquele projeto junto aos poderes constituídos. Ele destacou a liderança intelectual do advogado e político Clemente Mariani, que também foi professor da FLDB e da UBa, e tinha boas relações com os autonomistas<sup>25</sup>. Mariani assumiu a presidência do Banco da Bahia em 1943 e os seus relatórios anuais constituíram-se, em um primeiro momento, nas principais fontes de informações para aqueles estudos<sup>26</sup>.

Edgard Santos mantinha uma relação de entendimento e cordialidade com Clemente Mariani desde os anos de 1930, quando ambos colaboraram com o interventor e governador Juracy Magalhães. Essa relação teve repercussões favoráveis para a UBa quando Clemente Mariani foi ministro da Educação e Saúde do governo Eurico Gaspar Dutra (1947-1950). Por exemplo, as obras do Hospital das Clínicas da Universidade foram concluídas com recursos do Ministério e a solenidade de inauguração, em 1949, contou com a presença do próprio presidente da República<sup>27</sup>.

A partir de 1955, a Comissão de Planejamento Econômico (CPE), criada por Rômulo Almeida, secretário da Fazenda do governo Antônio Balbino (1955-1958), juntou-se ao Banco da Bahia na articulação do projeto de modernização conservadora da economia baiana<sup>28</sup>. Alguns anos depois, a CPE constituiu-se no núcleo da pós-graduação em economia da Faceb, implantada graças a um convênio firmado entre a UBa e o governo do estado, com o objetivo de realizar estudos para a elaboração de planos para o desenvolvimento socioeconômico regional. Tudo isso sob a liderança científica de Rômulo Almeida, que era professor da Faceb<sup>29</sup>.

Esses projetos de desenvolvimento regional começaram a ser implantados na Bahia pelos governos estadual e federal ao final dos anos de 1940, quando teve início um novo processo de industrialização que culminou, na década de 1960, com a integração da economia do estado ao processo de crescimento monopolista do capital industrial que ocorria centralizado na região Sudeste do país<sup>30</sup>, encerrando o longo período de decadência e estagnação econômica iniciado ainda no século XIX<sup>31</sup>. Nesse período, foram realizados alguns investimentos estatais em infra-estrutura (por exemplo, BR-116 (Rio-Bahia), Hidrelétrica de Paulo Afonso), porém, os marcos decisivos para essas mudanças foram a localização de reservas petrolíferas no Recôncavo baiano, o início das atividades de prospecção e extração do óleo, a instalação da Refinaria Nacional de Petróleo em Mataripe, em 1950, e a fundação da Petrobras em 1953<sup>32</sup>. Esses investimentos, por sua vez, induziram uma série de outras atividades, tanto na área industrial, quanto nas áreas comerciais e culturais.

Por exemplo, pouco tempo depois da fundação dessa empresa estatal, Edgard Santos administrou a implantação de um curso de especialização em geologia do petróleo, para o qual a UBa cedeu imóveis e instalações e a Petrobras contratou, em regime de tempo integral, professores especialistas estrangeiros, bem como comprou equipamentos. O sucesso da iniciativa permitiu que as duas instituições se articulassem em novos projetos. Um deles foi a Escola de Geologia (EG), cujo curso de graduação foi implantado em 1957<sup>33</sup>.

Em suma, durante a gestão do reitor Edgard Santos, desde o seu início, a UBa esteve na vanguarda daqueles movimentos que buscavam redirecionar os rumos políticos e econômicos da Bahia. Na sua freqüente interlocução ou interação com lideranças políticas, intelectuais e científicas, como Clemente Mariani, Rômulo Almeida, Thales de Azevedo, Anísio Teixeira, Luiz Viana Filho e tantos outros, Edgard Santos atuou muitas vezes em favor da realização de uma série de empreendimentos fundamentais para a elaboração, defesa e implantação do referido projeto regionalista de modernização conservadora.

Todavia, esse não é o aspecto da gestão de Edgard Santos que vem recebendo maior destaque nos trabalhos que enfocam a trajetória da UBa naquele período. Na maioria dos casos, a valorização e o desenvolvimento das artes, da música, do teatro, da dança e das letras têm sido destacados como as principais características da administração universitária que ele desenvolveu ao longo de seus sucessivos mandatos.

Juçara Pinheiro, por exemplo, concluiu que, na Bahia, “a inserção da Dança Moderna no âmbito do ensino superior fez parte de uma sucessão de acontecimentos que, entrelaçados, integraram um único projeto – o da Universidade da Bahia – orientado por Edgard Santos”. Segundo ela, esse projeto foi marcado pela presença marcante das artes, que “conferiu e ainda confere um traço singular a essa Instituição Superior de Ensino, se comparada às suas congêneres contemporâneas”<sup>34</sup>.

Sem fazer uma referência mais efetiva ou precisa aos movimentos dos grupos oligárquicos locais e às suas repercussões políticas e econômicas, as quais mencionei anteriormente, Juçara Pinheiro remeteu o leitor aos movimentos de redemocratização política e de desenvolvimento econômico de âmbito nacional, acentuando a prioridade da “construção do Brasil novo e moderno” no governo JK, quando a cultura, a educação e as universidades teriam sido privilegiadas: “O alargamento e a flexibilidade das estruturas de poder, no contexto das metas desenvolvimentistas e redemocratizantes, resultaram por influir num idêntico comportamento em relação aos destinos da educação, numa abertura e atendimento econômico a projetos arrojados.”<sup>35</sup>

Segundo Juçara Pinheiro, estas foram as condições políticas e econômicas favoráveis que tornaram possíveis a concretização em ações das idéias e projetos de Edgard Santos. De acordo com ela, a proposta educativa do reitor era fundamentada em uma concepção humanística e tinha por finalidade a formação de um homem plural. Sua estratégia articulava as atividades de pesquisa, ensino e extensão, que contemplariam indistintamente as ciências, as letras e as artes<sup>36</sup>.

Todavia, como seria possível realizar essas idéias e projetos se, de acordo com as manifestações do Conselho Universitário, a UBa enfrentava uma crônica carência de recursos financeiros? O prestígio político do reitor, as suas boas relações com os sucessivos presidentes da República, de Vargas a JK, seu bom relacionamento com uma série de organismos internacionais, tudo isso lhe propiciou acesso a recursos federais e internacionais, muitas vezes sob a forma de convênios destinados a projetos específicos, os quais ele administrou com muita autonomia e de forma bastante centralizada. Aliás, a centralização administrativa durante a gestão de Edgard Santos constituiu-se em motivo de desentendimentos com seus adversários, que o acusavam de se apropriar do poder para afastar do caminho aqueles indivíduos que estivessem se interpondo na consecução de seus planos<sup>37</sup>.

Portanto, concluiu Juçara Pinheiro, Edgard Santos tinha um projeto humanista para a UBa, teve o prestígio político, os recursos materiais e financeiros para concretizá-lo, assim como soube também aproveitar o ambiente cultural e artístico soteropolitano: “A idéia de permeabilidade entre cultura intra e extra-universitária parece ter sido muito forte na visão de Edgard Santos [...] [ele] acolheu e tirou vantagem da conjuntura e do ambiente cultural e artístico, projetando-o, utopicamente, em direção ao futuro.”<sup>38</sup> Segundo ela, o reitor soube aproveitar “aquela velha história da Bahia ser o celeiro das artes e, portanto, o lugar natural para a ocorrência de experiências plurais”, aplicando a seus projetos os recursos disponíveis. Todavia, a autora ressaltou que “tal interpretação já não abrange a totalidade do projeto universitário de Edgard Santos. Ela dá conta [apenas] do universo das manifestações artísticas [...]”<sup>39</sup>.

Possivelmente, pela falta de referências mais precisas na própria história da Bahia, por referenciar-se genericamente apenas nos projetos “democratizantes e desenvolvimentistas” oriundos da esfera federal, que atingiram seu ponto máximo no governo JK, Juçara Pinheiro acabou apresen-

tando Edgard Santos como paladino da modernidade e do progresso, que teve que se defrontar contra grupos reacionários locais, que não foram convenientemente identificados, cujas idéias e projetos não foram apresentados.

Ora, a defesa da modernidade na Bahia não era privilégio de Edgard Santos e de seus cor-religionários, mas era uma estratégia adotada pelos grupos oligárquicos baianos para implantar uma reforma conservadora nas estruturas políticas, econômicas e administrativas da sociedade baiana. As lideranças e os grupos oligárquicos disputaram entre si a primazia de empunhar essa bandeira e de conduzi-la na direção que julgavam mais apropriada ou conveniente, conforme as concepções que lhes eram próprias. Naquele período, além das questões programáticas ou ideológicas, as disputas entre grupos rivais, fossem partidárias e entre políticos profissionais, fossem acadêmicas e entre intelectuais, também se orientavam pela afirmação ou negação do prestígio e do poder dos chefes ou líderes, pelo atendimento às conveniências e interesses dos grupos, às reivindicações dos correligionários, apadrinhados e clientes<sup>40</sup>.

Todavia, os poucos trabalhos que trataram dessa temática e daquele período reiteraram a mesma tese de Juçara Pinheiro<sup>41</sup>, mesmo quando também enfocaram as disputas entre os grupos. Para Antônio Risério, por exemplo, a realidade soteropolitana da época foi constituída por algo mais do que condições favoráveis à inovação intelectual e artística. Segundo ele, existiu nesse período uma forte oposição conservadora e provinciana à presença de intelectuais de diversas áreas que trouxeram propostas inéditas, ousadas e experimentais, que foram patrocinadas, apoiadas ou incentivadas pela UBa, sob a direção de Edgard Santos. Na sua avaliação, as lideranças artísticas e intelectuais que gravitavam em torno do reitor sofreram uma importante derrota no início dos anos de 1960, quando ele não foi reconduzido ao cargo sob a pressão dos setores adversários, tanto no âmbito acadêmico, quanto na esfera social mais ampla<sup>42</sup>.

Embora não concorde com a interpretação que posiciona Edgard Santos como paladino da modernização cultural baiana, não posso negar que, de fato, no final dos anos de 1950 e início da década de 1960, quando se concretizaram as suas principais iniciativas nas artes, como também nas demais áreas<sup>43</sup>, o seu trabalho na direção da UBa foi duramente questionado por seus adversários. Muitos deles alegavam que tais atividades se constituíam em um desvio das funções da UBa e que os recursos dispensados para aqueles fins deveriam ser redirecionados para o atendimento das necessidades convencionais da instituição. Ou seja, os adversários de Edgard Santos, principalmente aqueles localizados nas unidades de maior prestígio, não admitiam a transferência de recursos e poder para setores emergentes, que teriam sido, de uma forma ou de outra, privilegiados pelo reitor. Entretanto, em minha opinião, para muitos de seus adversários a questão não era conceitual, mas pragmática. Isto é, a questão primordial para muitos adversários de Edgard Santos não estava em adotar ou não a modernidade, o desenvolvimento ou o progresso, mas sim na disputa por quem iria administrá-la, por quem teria o poder, por quem teria os recursos que estavam sendo viabilizados para a sua implantação.

Durante muito tempo, o reitor e o grupo que liderava foram os vencedores, e os vencidos, mesmo fazendo parte de grupos oligárquicos e aristocráticos, não tiveram lugar privilegiado na história, como de costume. Esse processo atingiu o seu limite máximo em meados de 1961, quando Edgard Santos foi mais uma vez escolhido pelo Conselho Universitário para encabeçar a lista dos candidatos a reitor, dentre os quais o presidente Jânio Quadros deveria escolher um para nomear. Mas, frustrando as expectativas de Edgard Santos e de seus correligionários, o presidente nomeou Albérico Fraga, o segundo nome da lista. Rei(tor) (de)posto, rei(tor) morto, novos protagonistas assumiram o controle das ações e passaram a desempenhar o papel principal da história<sup>44</sup>.

## O Instituto de Matemática e Física

Em 1958, Arlete Cerqueira Lima, jovem professora de matemática assistente voluntária da FF, fora expulsa do gabinete do reitor Edgard Santos por causa de seu atrevimento. Retornando de uma viagem de estudos, durante a qual tomara conhecimento do redirecionamento dado a essa ciência em São Paulo e no Rio de Janeiro desde os anos de 1930, disse-lhe que a matemática na Bahia estava atrasada e que, por isso, pedira ao diretor científico do Conselho Nacional de Pesquisas (CNPq), Antônio Couceiro, bolsas para as demais professoras assistentes. Aborrecido com a sua impertinência, Edgard Santos interrompeu a audiência e a expulsou do recinto<sup>45</sup>.

Entretanto, ainda em 1958, ele próprio reconsiderou sua atitude. Depois de consultar a opinião de Martha Maria de Sousa Dantas<sup>46</sup> sobre o assunto, reconheceu os méritos de Arlete Cerqueira Lima e a convidou para lecionar matemática na recém-inaugurada EG. Dois anos depois, delegou-lhe a incumbência de articular a fundação de um instituto de matemática.

O que o fizera mudar de idéia assim dessa forma? Por que Edgard Santos reconsiderou sua atitude, reconheceu os méritos da jovem professora e delegou-lhe a incumbência de articular a fundação de um instituto de matemática em meados de 1960? Na verdade, deveria perguntar primeiro por que ele se irritara, por que se aborrecera com as iniciativas de Arlete Cerqueira Lima. Um paladino da modernização, um educador revolucionário, um intelectual visionário, um administrador do futuro não teria sido um pouco mais tolerante com os arroubos juvenis da professora, não estaria um pouco mais atualizado em relação àqueles aspectos científicos da vida universitária? Edgard Santos era tudo isso, *ma non troppo*. O reitor da UBa foi reconhecidamente um líder que soube jogar como poucos segundo as regras políticas do seu tempo.

A Comissão Supervisora do Plano dos Institutos (Cosupi), órgão vinculado ao Ministério da Educação e Cultura (MEC), começou a funcionar naquele mesmo ano, em fevereiro de 1958, com o objetivo de implementar a política federal de criação de institutos especializados que centralizariam as atividades científicas das universidades nas suas respectivas áreas<sup>47</sup>. Edgard Santos, sempre muito bem articulado com os círculos oficiais federais, revelou mais uma vez essa sintonia quando começou a trabalhar para a fundação dos institutos básicos a partir daquele momento. Dessa forma, ao mesmo tempo em que atenderia à política da Cosupi, utilizaria os recursos daí provenientes para atender aos interesses dos novos grupos científico-acadêmicos que se formavam na universidade, atraindo-os para reforçar o seu grupo político e o seu derradeiro projeto acadêmico, e enfraquecendo as posições dos seus adversários, na medida em que estenderia seu raio de ação e poder para áreas científicas dominadas até então exclusivamente pelos catedráticos da EP e da FF. Segundo Roberto Santos, “estava em marcha a modernização da Universidade, com a clara percepção que tinha o reitor, do papel que cabe na formação de novos tipos de profissionais, necessários ao cumprimento de tarefas diversificadas, oriundas da nova fase de desenvolvimento econômico desencadeado na Bahia no fim da década de 1950 e começo dos anos de 1960, graças à presença do petróleo no nosso subsolo”<sup>48</sup>.

Edgard Santos, sabendo que sua aposentadoria compulsória chegaria em 1964, quando completaria 70 anos, ambicionava encerrar em grande estilo seu último mandato, deixando para a posteridade uma imagem identificada com as mais importantes e audaciosas contribuições para o ensino superior no Brasil. Para Roberto Santos, seu pai anteviu precocemente os rumos que a universidade brasileira iria tomar e estava se preparando para dirigir a UBa para a vanguarda dos novos acontecimentos. Ele recordou os debates que tiveram sobre o projeto de Anísio Teixeira e Darcy Ribeiro para a universidade que seria implantada em Brasília. Lembrou-se também que o reitor, identificando-se com essas

propostas, desencadeou uma série de medidas preliminares para a implantação na universidade baiana dos novos institutos que abrigariam as atividades científicas básicas:

Meu pai estava entusiasmado com a concepção proposta por Anísio Teixeira e Darcy Ribeiro, para a Universidade de Brasília, em organização. De um lado, pensava na estratégia de como adaptar a UFBA às novas idéias. De outra parte, procurava convencer-me de que este era o caminho do futuro [...] Vivíamos estes debates quando foi meu pai preterido na nomeação para mais um mandato de reitor, o último que exerceria antes de aposentar-se. Instalou-se clima de revanchismo contra tudo o que ele havia realizado. Na Faculdade de Medicina, particularmente, uns poucos desafetos que insistiam em combatê-lo, se consideravam vitoriosos e entenderam que deveriam apagar a memória do que ele havia representado para a Bahia e para a Universidade. Foi um período de incompreensões, de radicalização e de tumultos, que haveria de durar pouco tempo<sup>49</sup>.

Estes eram, portanto, motivos bastante fortes para que Edgard Santos dedicasse um pouco da sua atenção para as ciências básicas, empreendendo uma série de ações para reorientar sua trajetória na universidade. Com efeito, aposentara-se recentemente Paulo Pedreira de Cerqueira, catedrático de física da FF e da EP, e seria necessário contratar um novo professor para substituí-lo. Em 1957, Rômulo Almeida apresentou o físico Ramiro Porto Alegre Muniz para Edgard Santos, que o nomeou para ocupar o lugar vago na FF e a diretoria da EG<sup>50</sup>. Ramiro registrou em um depoimento as suas lembranças de seu primeiro encontro com Isaiás Alves, diretor da FF<sup>51</sup>:

O Isaiás Alves era uma pessoa de muito prestígio, embora com idéias conservadoras, e não gostou quando eu fui contratado pelo reitor Edgard Santos, que telefonou para ele e avisou:

– Vai chegar aí o Sr. Fulano de Tal, que eu contratei no Rio de Janeiro.

Então, quando eu me apresentei, ele disse assim:

– Você é aquele menino que o reitor contratou lá no Sul?

Então eu reagi e disse:

– O Senhor me respeite! Eu sou professor!!

Começamos a conversar e a segunda coisa que ele me disse foi:

– O Senhor foi contratado em tempo integral, mas não tenho serviço para o Senhor o dia inteiro.

– Mas, quem define o meu serviço sou eu, sou eu o professor da matéria, o Senhor é o diretor, que deve cuidar da burocracia da Faculdade...

Sem querer detratar Isaiás, ele era apenas uma pessoa conservadora e antiga, com muitas outras qualidades, mas que não estava avaliando com clareza o significado das coisas. Ele não estava muito feliz. Edgard estava torcendo o braço dele para impor um candidato de fora. A reação dele foi contra isso.

Na verdade, eles queriam nomear Hamilton Nolasco? [Pergunta do entrevistador]

Não, isso aí foi depois. A Faculdade era um organismo vivo, tinha a participação de várias pessoas, de vários quadrantes, mas na área da física as pessoas eram da Escola Politécnica, embora a faculdade tivesse sua dinâmica própria, o que permitiu que eu fosse para lá, já que eu não era da tradição da engenharia. Eu me lembro que o curso de física geral e experimental era ministrado pelo professor Paulo Pedreira de Cerqueira e seu assistente era o [Hamilton] Nolasco [...] Eles estavam lá porque eram engenheiros, eram da Escola Politécnica e naturalmente foram levados para serem professores da Faculdade de Filosofia. Na Politécnica eles eram os donos da física, quando começaram a aparecer outros donos na Faculdade de Filosofia, então surgiram os conflitos, as dificuldades. Quando eles quiseram nomear o [Hamilton] Nolasco eu reclamei, fui falar com o diretor, o Magalhães Neto, ele pediu que eu fizesse uma carta, eu escrevi um documento na hora e propus que fosse nomeado o Álvaro da Silva Ramos, que era do Instituto de Tecnologia da Bahia, que já tinha feito uma especialização nos EUA, em espectroscopia, se não me engano. Eu achei que deveria pegar o Álvaro e botar lá, pois já que tinha a turma da Escola Politécnica, eu também tinha que formar a minha turma, trazendo pessoas. Então eu me aproximei muito do pessoal da matemática, pois eles tinham a mesma dificuldade que eu tinha, já que os donos da matemática também eram os professores da Escola Politécnica<sup>52</sup>.

Não importava quem era Ramiro de Porto Alegre Muniz, qual era a sua formação profissional, seus méritos acadêmicos e sua experiência científica. Essas informações pouco contavam, pois, na

hora de preencher uma vaga de professor, o fator deveras relevante era a procedência do candidato, isto é, quem o indicava, quem era o seu patrono, qual era o grupo ao qual ele estava filiado e a quem ele seguiria. Além disso, Ramiro era um estrangeiro e esse era um atributo por si só bastante desabonador, segundo se depreende do depoimento de Kátia Mattoso, historiadora grega que chegou à Bahia em 1957:

A Bahia me foi imposta por acaso: descobrira-se petróleo na região do Recôncavo [...] e para lá seguiu o meu marido, geólogo, encarregado de fundar a primeira escola brasileira especializada no assunto. Salvador tinha então meio milhão de habitantes, mas [...] era uma “bela adormecida”, aparentemente estagnada no tempo [...] Os grupos haviam levantado barreiras que os tornavam pouco acolhedores diante de “estrangeiros”, incluindo-se nestes os brasileiros oriundos de outros estados. Pernambucanos, sergipanos, paulistas, cariocas ou mineiros, todos eram imediatamente reconhecidos e colocados em seu lugar: fora! [...] decadência alguma diminuía o prestígio dos senhores de engenho. A lembrança de grandezas passadas era fielmente conservada por meio de uma tradição oral [...] Essa antiga elite formava um grupo fechado [...] Os “novos ricos”, brasileiros ou estrangeiros, eram considerados com um desdém [...] Fonte de poder e de relativa segurança, o serviço público era considerado por essas famílias tradicionais como a única atividade compatível com sua condição e seu desejo de mando. Depois de estudar engenharia, direito ou medicina, abria-se naturalmente, aos filhos dessa elite, uma carreira qualquer de funcionário. Os “concursos” selecionavam regularmente os integrantes das famílias conhecidas. Feita a nomeação, o jogo se perpetuava: o descendente de antigos proprietários [...] ou de grandes negociantes continuava favorecendo seus pares nas promoções. Isso não impedia, no entanto, que se perpetuasse a velha prática de prestar favores a amigos mais modestos, formando assim uma clientela fiel [...] Além de ser uma honra e uma fonte de remuneração segura, servir ao Estado trazia o prestígio, garantia o desempenho do papel de protetor e renovava a influência, real ou suposta, de quem geria uma parcela do poder<sup>53</sup>.

Ao contratá-lo como professor de física da faculdade, o reitor Edgard Santos invadiu o território dominado por Isaías Alves e rompeu com a hegemonia dos catedráticos da EP naquela área. Isso gerou um desequilíbrio no complicado quadro das disputas pelas posições acadêmicas: quando quiseram nomear o engenheiro Hamilton Nolasco, assistente de Paulo Pedreira de Cerqueira, Ramiro Porto Alegre reagiu e forçou a nomeação de Álvaro Ramos, também oriundo da EP. Mas, nesse caso, como ele admitiu, estava formando a sua própria equipe, estava identificando seus próprios aliados, dentre eles, as mulheres professoras assistentes de matemática da FF, que também reivindicavam um espaço onde pudessem atuar livres das constrictões dos catedráticos da FF.

Destaco outro trecho do depoimento de Ramiro de Porto Alegre Muniz, no qual contou como foi convencido por Edgard Santos a aceitar o cargo de diretor da EG em 1957. Naquele momento, era crucial para o reitor ter pessoas de sua confiança ocupando posições que se tornariam estratégicas em pouco tempo:

- Ramiro, eu preciso que você seja o Diretor da Escola de Geologia, para organizá-la a partir do zero, pois não existe nada, somente o papel, disse-me Edgard Santos.  
Então eu lhe respondi:
- Olha, não dá, porque eu não sou geólogo, eu sou físico e não tenho conhecimentos de geologia para organizar uma escola.
- Isso não é problema, pois você terá todo o assessoramento dos geólogos da Petrobras que estão em Salvador. Mas é necessário um professor da Universidade para coordenar todo o processo.  
Mas como eu continuava resistindo à idéia, ele disse:
- Se você não aceitar, eu terei que nomear quem eu não quero e se eu tiver que nomear quem eu não quero, ano que vem eu não renovarei o seu contrato<sup>54</sup>.

E por que razão Edgard Santos fez questão de nomear para lá um professor que considerava da sua mais estreita confiança? Porque sabia da importância estratégica que essa escola teria daquele

momento em diante, por conta da sua posição nas relações da UBa com a Petrobras. Por razões análogas, ele resolveu apoiar a aliança do próprio Ramiro Muniz com as professoras de matemática da FF, lideradas por Arlete Cerqueira Lima e Martha Dantas, por ocasião da fundação do IMF três anos depois.

Relembrando a movimentação desse período, Arlete Cerqueira Lima declarou recentemente que o seu “salário era o dobro do de um catedrático”<sup>55</sup>. A diferença entre os salários pagos aos professores contratados pelo reitor com os recursos provenientes dos convênios que administrava autonomamente e de forma centralizada e os vencimentos regulares dos catedráticos era certamente um dos motivos das repercussões negativas provocadas junto a seus adversários.

Um bom exemplo dessas repercussões ocorreu algum tempo depois do início dos trabalhos na EG, quando Ramiro de Porto Alegre Muniz recebeu a visita de um catedrático da EP na sala da direção. O reitor dera-lhe carta branca para formar a equipe de professores, mas o catedrático foi pessoalmente protestar por não ter sido consultado para a escolha do professor que iria atuar na sua área de conhecimento. Como ele se atrevera a nomear alguém sem consultá-lo? Era o catedrático da EP naquela área e sua autoridade não poderia ser desrespeitada daquela forma!!<sup>56</sup>

A fundação do IMF, em meados de 1960, resultou da aliança formada pelo reitor Edgard Santos com as professoras de matemática Arlete Cerqueira Lima e Martha Maria de Souza Dantas, com o professor de física Ramiro de Porto Alegre Muniz, lideranças matemáticas brasileiras, à frente Omar Catunda, catedrático de análise matemática da Universidade de São Paulo (USP), e Leopoldo Nachbin, do Instituto de Matemática Pura e Aplicada (IMPA) do Rio de Janeiro. Para os matemáticos, a instalação do IMF seria o primeiro passo no sentido de implantar na UBa os mesmos padrões de exercício profissional da matemática que já estavam em vigência nas instituições de São Paulo e do Rio de Janeiro<sup>57</sup>. Para o reitor Edgard Santos, o IMF seria mais um componente do seu projeto acadêmico para a UBa, cuja implantação na sua última gestão fecharia com chave de ouro a sua longa passagem à frente dos destinos da instituição.

## O IMF e a Petrobras: Física e Geofísica

A posição inicial dos professores da EP em relação ao IMF e a seus fundadores variou da indiferença à hostilidade. Ao final dos anos de 1950 e início da década de 1960, os catedráticos de matemática e física ainda eram aqueles mesmos dos anos de 1930, já em tempo de aposentadoria, que estavam, pouco a pouco, passando seus lugares para seus assistentes<sup>58</sup>. De uma maneira geral, os interesses pessoais e profissionais desses professores tinham pouco em comum com as atividades desenvolvidas no IMF. Octamar Marques, por exemplo, um dos assistentes, começou a dar aulas de matemática para candidatos ao vestibular quando ainda era estudante de engenharia e nunca mais abandonou essa atividade, tornando-se desde aquela época um dos mais respeitados e bem-sucedidos professores de cursos pré-vestibulares e do ensino secundário em Salvador. Formado em 1954, nomeado assistente em 1956, sempre lecionou na EP em regime de tempo parcial, com 20 horas semanais, em paralelo com as atividades técnicas de engenheiro, desenvolvidas principalmente na Prefeitura de Salvador, onde permaneceu durante aproximadamente 30 anos. Os novos conhecimentos matemáticos especializados trabalhados no IMF não despertaram o seu interesse, uma vez que a realização de pesquisas nos padrões pretendidos pelo pessoal do IMF nunca fez parte de seus projetos profissionais<sup>59</sup>.

Todavia, os adversários de Edgard Santos, incluindo alguns da EP, não admitiam perder prestígio,

recursos e poder para setores emergentes, que estavam sendo, de uma forma ou de outra, privilegiados pelo reitor. Além disso, havia uma outra disputa no âmbito da UBa: qual(ais) o(s) grupo(s) que teria(m) o privilégio de gerir no meio acadêmico os recursos que seriam investidos na reforma universitária que se iniciava e na formação e capacitação de pessoal demandadas pela reestruturação econômica e administrativa que estava em curso no estado da Bahia?

As mais fortes manifestações de hostilidade contra o IMF e alguns de seus fundadores que encontrei foram provenientes de José Walter Bautista Vidal<sup>60</sup>, engenheiro formado pela EP em 1958, nomeado seu instrutor de física em 1959, professor assistente em 1960 e, paradoxalmente, indicado representante da Congregação da EP no Conselho Deliberativo do IMF em 1963. Essas hostilidades ficaram registradas nas cartas que enviou em julho de 1961 para o físico Guido Beck, que fora seu orientador no período em que estudou no Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas (CBPF):

Caro prof. Beck: um grande abraço. Uma grande notícia: “Derrubamos o reitor da Bahia”.

[...] O Simas pediu-me para fazer um plano de preparação e aperfeiçoamento de pessoal para o período em que eu ainda tencionava passar fora. Então, baseado nas conversas que tivemos aqui no Centro quando da visita do Simas, estando presente o Sr. e o Tiomno, escrevi o plano quinquenal que junto a esta [...]

O Plano deverá ser apresentado pelo Simas à Congregação da Escola em agosto próximo. Já falei com os mais importantes professores da Congregação e todos estão dando apoio integral; entretanto, pode haver possibilidade de outros setores apresentarem plano análogo, então neste caso irá dificultar o nosso; por esta razão pediu-me o Simas que obtivesse o apoio do Sr., do Tiomno e o apoio oficial do Centro, com o Leite. Basta uma carta sua, dirigida ao Simas, recomendando o Plano e expondo as razões por que a ciência deve ser feita a longo prazo e com preparação meticulosa dos “meninos” aproveitáveis. Naturalmente que o Sr. terá toda a liberdade de fazer qualquer reparo ou qualquer observação se o Sr. achar que não deve ser feito assim [...] As idéias que tentei expressar parecem-me serem também as suas [...] <sup>61</sup>.

A “grande notícia” escrita logo na primeira linha da carta, a não-recondução de Edgard Santos para o cargo de reitor da universidade pelo então presidente Jânio Quadros, expressava muito mais do que uma posição pessoal ou de um pequeno grupo localizado na EP. A saída do reitor era uma reivindicação que atendia a alguns setores importantes e poderosos da UBa, que se localizavam não apenas na Politécnica, mas também nas outras unidades, inclusive nas tradicionais faculdades de direito e medicina, onde professores e estudantes articularam-se em ferrenha oposição à sua pessoa, a seus projetos, à sua forma de administrar a UBa e, naturalmente, a seus aliados nas mais diversas áreas.

Todavia, a oposição ao IMF e a seus integrantes não foi apenas um reflexo da oposição política de certos setores acadêmicos ao reitor e a seus projetos, mas também o resultado da disputa por territórios científicos específicos no âmbito da UBa. O plano de preparação e aperfeiçoamento de pessoal mencionado por Bautista Vidal, encomendado por Carlos Simas, diretor da EP, endossado pela sua Congregação, e para o qual também reivindicaram o apoio das principais lideranças do CBPF, do próprio Guido Beck, de Jaime Tiomno e José Leite Lopes, poderia ser dificultado por planos análogos de outros setores? Quais seriam esses outros setores? Quem estaria nesses outros setores? O que efetivamente estaria em disputa nesse caso? Posições, dinheiro, poder?

Essa carta de Bautista Vidal para Guido Beck foi escrita em julho de 1961, no momento em que o IMF completaria seu primeiro aniversário de funcionamento, já sem poder contar com o patrocínio de Edgard Santos. Este seria o único setor da UBa que poderia atrapalhar o plano da EP de comandar a formação de físicos, seja disputando posições acadêmicas para seus integrantes, seja disputando verbas para seus projetos, seja dividindo o poder na área das ciências físicas e matemáticas, até aquele momento, exercido exclusivamente pelos catedráticos da EP que, ou eram os mesmos, ou eram aliados dos

catedráticos da FF. As disputas ocorridas na tentativa de nomeação do engenheiro Hamilton Nolasco, do grupo da Politécnica, preterido por Álvaro Ramos, apoiado por Ramiro Porto Alegre, seria apenas um prelúdio daquilo que poderia vir a acontecer. Mas, alguns professores da EP reagiram quando avaliaram a ameaça que o IMF representava, quando se sentiram ameaçados pelos professores “estrangeiros” ligados ao reitor, com os quais teriam de dividir o território e o poder que detinham. Esse aspecto foi tratado por Bautista Vidal em outra carta enviada para Guido Beck um ano depois:

Tenho recebido cartas da Bahia que me têm deixado um pouco preocupado [...]

O que mais me preocupa é o não andamento do “Plano de Física” que apresentamos e foi aprovado pela Congregação da Escola Politécnica. Naquela ocasião eu passei um mês na Bahia e consegui convencer seis bons estudantes, dos melhores, a estudarem Física [...] Entretanto a minha “catequese” de um mês não foi suficiente [...] os rapazes sem um incentivo e desconhecimento de causa desistiram [...] além do mais o Plano que apresentamos despertou o interesse de outros departamentos que procuraram fazer o mesmo, planejando a preparação a longo prazo de pessoal. Entretanto não estando ninguém diretamente interessado na sua execução temo, quase tenho como certo, que não irá adiante. Além do mais, uma das principais finalidades do Plano era manter um planejamento sério de preparação de pessoal com a finalidade de evitar que a coisa fosse começada errada. Entretanto, como ninguém no local está à frente a coisa começa a ser esquecida e não desperta o interesse da Universidade, a qual procura resolver os problemas de Física de uma maneira totalmente errada. O Ramiro Porto Alegre, sempre o “nefasto” Ramiro, pouco antes de ir “contratado” pela Universidade de Brasília, graças a Deus já foi, “lo siento por Brasília” resolveu contratar três instrutores do Pompéia, no ITA, para “dirigirem” o chamado Instituto de Física e que foi criado com dinheiro do COSUPI. Quanto a isto eu não tenho nada com isso, que eles criem os Institutos que quiserem, porém infelizmente não estão muito preocupados em fazer Física ou em ensinar Física pois não dispõem de alunos, entretanto fazem um grande movimento através dos jornais e estão pressionando o novo reitor que, é pior que o anterior, pois é mais fraco e fazem dele o que querem. Dado esta situação se não se apresenta um Plano em execução com tudo andando normalmente eu temo, e tenho mais razões para temer mais, que o reitor, mal aconselhado e ignorante completo no que diz respeito a Física começa a dar posições chaves que dificultará no futuro a realização de qualquer coisa séria em Física. Estas coisas começaram a suceder há seis meses, menos de um ano da última vez que saí da Bahia e temo que a medida que o tempo vá passando eu esteja cada vez menos enraizado com a Bahia e depois de um longo prazo não tenha mais sentido voltar para lá. Então o Sr. perguntará o que fazem o Simas e o Sá? O Simas não é mais diretor da Escola embora ainda conserve grande prestígio e é representante da Escola no Conselho Universitário. O novo diretor é Alceu Hiltner, grande amigo meu [...] que será um forte baluarte a nosso favor. Ele ficará na direção da Escola durante 3 anos [...] Por outro lado os “amigos” do Ramiro dizem que vão fazer “Livre Docência” na Faculdade de Filosofia e com o nível que existe lá provavelmente eles vão passar e então será uma tragédia<sup>62</sup>.

Em 8 de setembro de 1964, José Walter Bautista Vidal dirigiu um ofício à Congregação da EP para entregar a sua representação no Conselho Deliberativo do IMF, porque iria assumir a chefia do Departamento de Física daquele instituto, com a finalidade de implantar o plano de geofísica que conseguira aprovar no referido conselho, o qual submetia à apreciação da congregação naquele momento. Nesse ofício, ele enumerou as razões que o levaram a propor o referido plano:

- 1) Na reunião anual dos físicos do Conselho Nacional de Pesquisas, da qual fiz parte, foi apresentada a necessidade nacional da criação de um grupo tecnocientífico em Geofísica. Foi reconhecida a Bahia como a região mais indicada para a sua instalação.
- 2) As várias solicitações que temos recebido por parte de empresas estrangeiras especializadas em geofísica e também por técnicos da Petrobrás para contribuirmos na formação de pessoal especializado.
- 3) A existência de inúmeros problemas técnicos de urgente e necessária solução por parte da Petrobrás.
- 4) O alto custo da tecnologia importada [...] o orçamento para Geofísica no presente ano na Petrobrás é superior a dez milhões de dólares.

- 5) O alto poder desta tecnologia na análise do subsolo.
- 6) A formação na Universidade da Bahia de um grupo de técnicos e cientistas de alto nível intimamente ligados às suas diversas unidades necessariamente conduzirá à melhoria do ensino da Física [...]
- 7) O entusiasmo apresentado pelo Dr. A. M. Couceiro, presidente do Conselho Nacional de Pesquisas, quando lhe apresentei as idéias do Plano. O Dr. Couceiro positivou o seu entusiasmo assegurando ao nosso Plano prioridade no plano quinquenal do Conselho.
- 8) O apoio e estímulo que me vem sendo dado pelo Magnífico reitor, prof. Miguel Calmon<sup>63</sup>.

Em suma, o plano de geofísica, segundo Bautista Vidal, articulava interesses e simpatias de diversos grupos e setores científicos e econômicos: os físicos do CNPq reconheciam a necessidade das pesquisas geofísicas e indicavam a Bahia para implantar um centro técnico-científico com essa finalidade, que contaria com os apoios político e financeiro das altas cúpulas administrativas do CNPq e da UBa, e, mais do que isso, contaria com o patrocínio da Petrobras, que, amplamente dependente da tecnologia geofísica, investiria altíssimos valores nessa área. Para reforçar ainda mais as suas declarações, Bautista Vidal anexou ao seu documento cópias do próprio plano e dos ofícios que ele e o reitor Miguel Calmon dirigiram ao CNPq e à Petrobras<sup>64</sup>.

A implantação desse plano viria reorientar a vida profissional de Bautista Vidal, como também os rumos do Departamento de Física e do próprio IMF. Com efeito, até então o engenheiro Bautista Vidal dedicara os últimos seis anos da sua vida – desde a sua formatura em 1958 – aos estudos na área da física, tendo seguido cursos no ITA, no CBPF e na Universidade de Stanford, onde estava concluindo o doutorado, sempre sob a orientação principal do físico austríaco Guido Beck, com quem mantinha uma intensa e contínua troca de cartas. Por ocasião do seu retorno antecipado dos Estados Unidos da América (EUA), antes mesmo do término da sua tese, Bautista Vidal não falava em outra coisa a não ser no plano de formação de físicos que submetera aos catedráticos da EP antes de seguir para o exterior, cujo sucesso parecia-lhe ameaçado, por um lado pela ausência de executores na Politécnica, por outro lado, pela concorrência dos físicos “estrangeiros” do IMF.

Esses “estrangeiros”, Luiz Felipe P. Serpa (1935-2003) e Waldez Alves da Cunha, jovens físicos formados pela Faculdade Nacional de Filosofia (FNF), com passagem pelo Instituto Tecnológico da Aeronáutica (ITA) e pela USP, que chegaram para formar o Departamento de Física do IMF em 1961, concentraram seus esforços em tentativas de atrair estudantes para o curso de física da FF e de desenvolver pesquisas no âmbito da física do estado sólido<sup>65</sup>. Todavia, depois da saída de Edgard Santos da reitoria, o IMF entrou em crise. Em 1961, eles reclamavam da necessidade urgente de assinar periódicos para a biblioteca; de contratar um técnico e de montar um laboratório de eletrônica; de montar uma oficina mecânica; e de instalar o laboratório de ressonância magnética, para que fosse possível iniciar as pesquisas previstas para 1962<sup>66</sup>. Em um relatório apresentado em agosto daquele ano, Felipe Serpa externou suas expectativas em relação à obtenção dos recursos necessários à continuidade do trabalho experimental: “Assim, só posso garantir a V.S. o prosseguimento das nossas atividades na parte teórica do nosso programa, neste período que se inicia”<sup>67</sup>. Waldez A. da Cunha também reconheceu as dificuldades para a realização das pesquisas experimentais: “No setor experimental dadas as dificuldades de aquisição de material especializado e instalações adequadas ainda não foi possível a realização dos trabalhos [...] esperamos em breve, superar essas dificuldades mesmo porque o Mag. Reitor Albérico Fraga tem tomado providências nesse sentido”<sup>68</sup>.

Mas as providências do reitor Albérico Fraga não foram efetivas e Felipe Serpa transferiu-se para a Universidade do Ceará logo depois ao final de 1962, deixando o Departamento de Física reduzido

ao chefe Waldez A. da Cunha, ao professor de tempo parcial Álvaro da Silva Ramos e ao estagiário Benedito L. Pepe. O relatório que ele elaborou sobre as atividades desenvolvidas durante o primeiro semestre de 1964 indicava que não ocorreram modificações substanciais na situação: “Por falta absoluta de recursos para as montagens mais elementares, não foram realizadas pesquisas”<sup>69</sup>.

Em resumo, foi essa a situação do Departamento de Física do IMF encontrada por Bautista Vidal em meados de 1963, quando retornou dos EUA e tornou-se representante da EP no seu Conselho Deliberativo. O plano de trabalho que ele propôs e foi aprovado implicava não apenas uma reorientação radical de sua trajetória profissional e dos projetos científicos do Departamento de Física, como também projetava um novo impulso político- financeiro para o próprio IMF, em virtude das promessas feitas por certas autoridades, cujas posições estratégicas ou o poder de decisão poderiam ser mobilizados para transferir-lhe recursos materiais, financeiros e humanos.

O plano trienal para o Departamento de Física proposto por Bautista Vidal previa “a cobertura de atividades relacionadas com o ensino e a pesquisa no campo da Ciência Física na Universidade da Bahia [...] e integra ao mesmo tempo aquelas atividades no quadro de cogitações industriais do Estado” e reivindicava investimentos proporcionais para sua realização. Ele argumentou que “a tarefa de atualização dos recursos da Universidade no particular, atacada mediante planos parciais para cada Escola e Faculdade, não resultará menos onerosa, além de pouco viável e inconseqüente, em virtude da diversificação de esforços e multiplicação de gastos”<sup>70</sup>.

Com essas palavras, Bautista Vidal mirava três objetivos: primeiro, justificar que, mesmo com a mudança radical do rumo da atividade científica, ainda assim haveria uma “expansão das possibilidades de ensino e pesquisa científica na Universidade”; segundo, recuperar a tradição de engajamento da UBa no projeto de reestruturação econômica do estado, característica da gestão de Edgard Santos, pela “realização de pesquisas relacionadas com os problemas regionais do seu maior interesse econômico”; reivindicar o princípio da “centralização de recursos de forma planejada global, ensejando a sua aplicação mais racional” tão ao gosto da reforma universitária preconizada por Miguel Calmon<sup>71</sup>.

O plano geral de geofísica, que estava definido no programa de pesquisas para o Departamento de Física no triênio 1965-1967, previa a “preparação de todos os seus elementos para pesquisa no campo da Geofísica”, e que “[...] todos os Cursos de Pós-Graduação [...] terão como único campo a especialização em Geofísica nos seus diferentes métodos [...]”<sup>72</sup>. A primeira fase do plano, com duração de dois anos, incluiria:

[...] (b1) Cursos de aperfeiçoamento de pessoal técnico de empresas interessadas; (c1) Cursos de formação em geofísica para engenheiros, físicos, matemáticos, geólogos e eletrônicos; (d1) Levantamento dos problemas de aplicação da geofísica de interesse nacional; (e1) Realização de cursos de aperfeiçoamento e especialização em Universidades estrangeiras para elementos do grupo<sup>73</sup>.

Portanto, tratava-se de um plano concebido para alcançar três metas: formação de pessoal, cursos de pós-graduação, pesquisa especializada de alto nível. Fundamentava-se precisamente na estruturação de alianças de apoio. Houve um comprometimento das lideranças científicas nacionais, pois Bautista Vidal conseguiu mobilizar diretamente a alta cúpula do CNPq, obtendo promessas de prioridade para o plano de geofísica. A formação de pessoal, os cursos de pós-graduação e a pesquisa de alto nível tinham simultaneamente dois alvos prioritários: de um lado, a própria corporação científica recrutar jovens estudantes de engenharia ou física, físicos recém-formados, oferecer-lhes cursos de formação especializada em geofísica, para poder implantar projetos de pesquisa de alto nível nessa área de física

aplicada; por outro lado, a Petrobras e o conjunto de instituições estatais e privadas interessadas no atendimento de suas demandas tecnológicas e de formação de pessoal.

Houve fortes manifestações contrárias ao plano de geofísica, como aquela feita pelo físico César Lattes, por ocasião da sua visita à capital baiana em 1967, quando declarou para um jornal local:

[...] tive uma impressão das mais deprimentes, pois embora a turma seja nova só se fala em *slogans*, tais como “Física Aplicada ao Nordeste”, “Física aplicada ao BNDE”, e, quando se vai ver no fundo, não existe nenhum programa nem plano, sendo tudo superficial. É lamentável o que ocorre com a Bahia: mandam gente para a França, em acordos culturais, escolhendo os que não têm nenhum trabalho publicado; compram materiais apenas pelo catálogo, sem que tenham conhecimento do que é e nem para que se destina.

[...] do jeito que a coisa está, e pelo marasmo, as novas vocações serão sufocadas.

Algo está errado na filosofia de tudo isso [...]<sup>74</sup>.

Não me deterei aqui na análise e interpretação das declarações de Lattes nem na resposta do Departamento de Física<sup>75</sup>, pois isso não cabe no escopo deste artigo. Aqui, importa apenas destacar que houve contestações ao plano de geofísica, assim como também houve importantes apoios. Por exemplo, Bautista conseguiu mobilizar catedráticos influentes, como o próprio Carlos Espinheira de Sá, Carlos Furtado de Simas, ex-diretor da EP e membro do Conselho Universitário, Alceu Hiltner, diretor da EP, e, principalmente, Miguel Calmon, reitor da UBa<sup>76</sup>.

Logo após ter assumido a chefia do Departamento de Física, ainda em 1964, Bautista Vidal viajou para São Paulo com o objetivo de contratar físicos que viessem a integrar a equipe do IMF. Em 1965, vieram da USP os jovens recém-formados Humberto Sequeiros Rodrigues Tanure, Jean Marie Flexor, Antônio Expedito Gomes de Azevedo, Mauro Cattani e Carlos José R. Borba, embora esses dois últimos não tenham permanecido para os anos seguintes. Os três primeiros, juntamente com Roberto Max Argolo, ex-aluno da EP que retornou do CBPF naquele mesmo ano, além do próprio Bautista, formaram o núcleo inicial da equipe de geofísica.

Outros profissionais juntaram-se a esse núcleo inicial, como os especialistas em eletrônica Helmut Karl Bockelmann e Alceste Shoemaker Filho, este vindo do ITA em 1966. Albert Rounaud foi contratado em agosto de 1966, graças ao convênio com a Cooperação Técnica Francesa, com a finalidade de lecionar a cadeira de geofísica e de desenvolver o setor de pesquisas, com a instalação de uma estação para medidas sísmicas, gravimétricas e magnéticas<sup>77</sup>.

Foi também por intermédio desse convênio que, em 1967, o Departamento de Matemática recebeu François Bellec, que ministrou cursos sobre linguagens para computadores e resolução numérica de problemas; o Departamento de Física recebeu Jean Meyer, chefe do Departamento de Partículas Elementares do Laboratório de Física Nuclear de Sealay, e J. Libroutry, diretor do Instituto de Geofísica de Grenoble. Meyer, além de apresentar conferências sobre sua especialidade, discutiu os termos do intercâmbio entre o IMF e o Institut des Faibles Radioactivités de Gif-Sur-Yvette; Libroutry prestou assessoria para a implantação do grupo local de pesquisa em geofísica.

Portanto, foi bem-sucedida a etapa do processo de implantação do plano de geofísica do IMF que consistia, por um lado, em atrair jovens físicos para formar a equipe de trabalho local; por outro lado, em obter orientação científica e assessoria técnica de alto nível. Dois outros convênios foram importantíssimos para que a equipe local cumprisse as suas tarefas, de formar e aperfeiçoar pessoal técnico especializado para as indústrias petrolífera e petroquímica; de reorientar a própria formação e dar início à realização das pesquisas científicas e tecnológicas previstas, contando com a assessoria dos físicos, geofísicos e técnicos franceses contactados com intermediação da Cooperação Francesa.

Refiro-me aos convênios firmados com a Petrobras em 1965 e 1966, com os objetivos de complementar os cursos de formação e aperfeiçoamento para profissionais dessa empresa e de comprar um computador IBM 1130 para a UBa. De fato, ao final do primeiro semestre de 1965, foi firmado um novo convênio em substituição àquele de janeiro de 1957, com o objetivo de regulamentar os cursos que seriam ministrados na EP (engenharia de petróleo; de equipamentos; e da Refinaria do Nordeste); no IMF (geofísica); e na Escola de Administração (administração de empresas). Além disso, estava prevista a realização de pesquisas tecnológicas, como aquelas incluídas no plano trienal do Departamento de Física do IMF<sup>78</sup>.

Vimos, portanto, que Bautista Vidal – e o plano de geofísica que elaborou – desempenhou um importantíssimo papel na retomada das relações UBa-Petrobras, que haviam sido intensamente exploradas durante a gestão Edgard Santos, ao longo dos anos de 1950, e somente naquele momento voltavam a ser reativadas. Deve-se notar, também, que ele teria percebido as possíveis repercussões de um tal plano logo que retornou dos EUA e começou a trabalhar no Instituto de Pesquisas Tecnológicas da EP (IPT). Em setembro de 1963, por exemplo, ele ministrou um curso de termodinâmica para o Centro de Aperfeiçoamento de Pesquisas do Petróleo da Petrobras (Cenap). Teriam sido as informações e os contatos decorrentes de trabalhos como este que lhe teriam inspirado a concepção daquele plano. Em meados de 1964, por ocasião de sua aprovação nas instâncias universitárias competentes, ele também estabeleceu intensos contatos, seja com Miguel Calmon, com o qual tinha trânsito fácil e muito prestígio<sup>79</sup>, seja também com altos setores administrativos da Petrobras. Portanto, nos dois anos anteriores, Bautista Vidal já transitava pelos gabinetes e corredores onde seria negociada a assinatura daquele convênio.

Ainda em 1965, Miguel Calmon designou Bautista Vidal para organizar uma comissão responsável pela compra do primeiro computador de grande porte da UBa. Os estudos dessa comissão resultaram na sugestão de compra do equipamento IBM 1130, que foi viabilizada mediante um convênio específico com a Petrobras:

Pelo convênio, o custeio da compra (US\$ 45.200) ficará a cargo da Petrobras, enquanto que a Universidade se responsabilizará pela organização de um centro de processamento de dados e pela manutenção dos equipamentos adquiridos. Após a instalação do centro de processamento de dados, a UFBA assegurará à Petrobras a sua utilização para trabalhos correlatos com a indústria petrolífera durante 12 horas por dia [...] após cinco anos, prazo fixado para o término do acordo, o equipamento continuará pertencendo à UFBA como parte do seu patrimônio<sup>80</sup>.

Humberto Sequeiros Tanure, do Departamento de Física, foi designado para coordenar as negociações com a Petrobras, supervisionar os trabalhos para a construção do Centro de Processamento de Dados (CPD) e formar a equipe que trabalharia com o computador<sup>81</sup>. Aliás, a formação dessa equipe aproximou os antigos adversários, tornando-os aliados indispensáveis: Bautista Vidal necessitou da colaboração dos integrantes do Departamento de Matemática do IMF, Arlete Cerqueira Lima e suas colegas, seja para integrarem o CPD, seja para ministrarem as diversas disciplinas matemáticas do curso de formação de geofísicos. Em contrapartida, os recursos provenientes do convênio com a Petrobras complementavam boa parte da folha de pagamento do IMF, não apenas dos professores que ministravam cursos, mas até dos funcionários administrativos<sup>82</sup>.

## Conclusão

Seguindo um caminho aberto pela mais recente historiografia das ciências<sup>83</sup>, este artigo apresenta alguns elementos que tornam possível o início de uma reflexão sobre um lugar para os discursos e práticas de modernização científica ao lado daqueles discursos e práticas de modernização cultural, social e econômica que fizeram dos anos de 1950-60 os mais movimentados e dinâmicos da história recente da Bahia.

Pretendi mostrar como a UBa, sob a liderança de Edgard Santos, de 1946 a 1960, desenvolveu uma série de projetos científico-acadêmicos articulados com outros de caráter administrativo, político e econômico nas diversas instâncias da sociedade baiana. A atuação de Edgard Santos nesses casos foi fundamental, como mediador das relações da universidade com o estado – tanto no nível federal, quanto no nível local – e com a sociedade, com seus grupos organizados, seja por sua efetiva liderança acadêmica, seja por suas raízes sociais aristocráticas, seja por sua articulação no jogo da política oligárquica da época, na medida em que conseguiu intercâmbio e interlocução com outros sujeitos e instituições, em que arregimentou recursos materiais, financeiros e humanos para a realização de tais projetos.

Mas, sabendo que a simples referência genérica a sujeitos, instituições e processos não seria suficiente para sustentar minha proposta de reflexão, desenvolvi uma análise detalhada de alguns aspectos da trajetória do IMF nos anos de 1960, com o objetivo de mostrar como se deu a relação da UBa com a sociedade nesse caso específico, como os projetos de institucionalização e profissionalização de novos padrões científicos para o exercício da matemática e da física reverteram na implementação de um programa de geofísica em conjunto com a Petrobras.

Nesse caso, os conflitos e as disputas que ocorreram em torno do IMF, desde os momentos iniciais de sua fundação, envolvendo matemáticos e físicos, locais e nacionais, o reitor, os catedráticos e diretores da EP e da FF, dentre outros sujeitos, não podem ser caracterizados pela tipologia tradicional. Modernização *versus* conservadorismo; universal *versus* provincial; científico *versus* anticientífico; desenvolvimento *versus* atraso não se aplicam nesse caso, uma vez que todos os grupos envolvidos reivindicaram de algum modo o moderno, o científico, o progresso e o desenvolvimento. Todavia, cada grupo tinha o seu próprio projeto para o progresso e o desenvolvimento, segundo seus próprios conceitos de modernização e suas expectativas de desenvolvimento científico, embora estivessem articulados de alguma forma com os grupos oligárquicos que direcionavam as mudanças conservadoras nos planos administrativo e econômico do estado e da sociedade baiana. A questão fundamental, portanto, era qual seria o grupo vencedor, dominante, hegemônico, que poderia levar adiante o seu projeto, suas concepções, administrando recursos materiais, financeiros e humanos.

Arlete Cerqueira Lima e Martha Dantas, jovens lideranças locais, associadas com Omar Catunda e Leopoldo Nachbin, lideranças nacionais, projetavam um centro de pesquisa e pós-graduação em matemática para o IMF, segundo concepções, valores e práticas vigentes à época nos centros de São Paulo e Rio de Janeiro, que refletiam, na verdade, tendências internacionais. Esse projeto teve início com o apoio de Edgard Santos, reitor da UBa desde 1946, até então um dos maiores vencedores no jogo da política local e federal, e contava também com a participação de um grupo de jovens físicos. Já em meados dos anos de 1950, Edgard Santos articulava com a Petrobras projetos científico-tecnológicos que envolviam a UBa, mas o IMF ainda não existia. Todavia, Edgard Santos – com ele, seus aliados e seus projetos – foi derrotado em um momento crucial, quando se iniciava o processo de implantação do IMF. Depois de muitos meses de indefinições, quando o IMF esteve prestes a encerrar precocemente suas atividades, um grupo formado por adversários de Edgard Santos ganha espaço para implantar lá

um outro projeto científico. Bautista Vidal, oriundo da EP e ligado a seus catedráticos, homem de confiança de Miguel Calmon, que assumiu a reitoria em 1964, lidera com sucesso um projeto na área de geofísica que o afastou da sua própria trajetória científica, inicialmente direcionada para a física, que pouco contribuiu para o andamento do projeto inicialmente concebido para a matemática. Na verdade, nesse projeto de geofísica prevalecia uma concepção pragmática e utilitarista da matemática adotada entre os engenheiros da EP: uma ciência auxiliar, aplicada, destinada a atender às necessidades do desenvolvimento tecnológico e do exercício profissional. Efetivamente, essa foi uma das atividades desenvolvida pelas professoras de matemática do IMF: ministrar cursos atualizados e mais ou menos avançados para a formação de recursos humanos na área da geofísica. Dessas atividades financiadas pela Petrobras veio boa parte dos recursos que sustentaram o IMF na segunda metade dos anos de 1960.

Em suma, dessa forma, espero ter apontado algumas possibilidades para a discussão de um lugar para as atividades, representações e práticas científicas no conjunto das atividades, representações e práticas de modernização administrativo-econômica que movimentaram a vida cultural baiana nos anos de 1950-60. Espero também ter contribuído para a discussão dos aspectos locais que condicionam o processo de institucionalização das ciências modernas de origem européia no Brasil, uma vez que as formas da sua apropriação dependem de uma série de fatores associados aos sujeitos, instituições e processos com existência concreta local.

## NOTAS E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

*André Luis Mattedi Dias é professor do Departamento de Ciências Exatas da Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, Bahia. E-mail: mattedi@uefs.br*

- 1 FIGUEIRÔA, Silvia Fernanda de Mendonça. Marcos para uma história das ciências no Brasil. In: \_\_\_\_\_. As ciências geológicas no Brasil: uma história social e institucional, 1875-1934. São Paulo: Hucitec, 1997, p. 15-32.
- 2 LOPES, Maria Margaret. O local musealizado em nacional: aspectos da cultura das ciências naturais no século XIX, no Brasil. In: HEIZER, Alda e VIDEIRA, Antônio Augusto Passos (Orgs.). Ciência, civilização e império nos trópicos. Rio de Janeiro: Access, 2001.
- 3 HUNT, Lynn. Apresentação: história, cultura e textos. In: \_\_\_\_\_. (Org.). A nova história cultural. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 1-29.
- 4 DANTE, Maria Amélia M. As instituições imperiais na historiografia das ciências no Brasil. In: HEIZER e VIDEIRA, op. cit., p. 225-234.
- 5 PETITJEAN, Patrick; JAMI, Catherine; MOULIN, Anne Marie (Ed.). Science and empires: historical studies about scientific development and european expansion. Dordrecht: Kluwer, 1992.
- 6 RISÉRIO, Antônio. Avant-garde na Bahia. São Paulo: Instituto Lina Bo e P. M. Bardi, 1995; PINHEIRO, Juçara B. M. Edgard Santos e a origem da escola de dança da Universidade Federal da Bahia. 1994. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1994.
- 7 SANTOS, Roberto Figueira. Vidas paralelas. V. 1 (1894 a 1962). Salvador: EDUFBA, 1997, p. 11-13.
- 8 Calmonista, dos irmãos Francisco Marques de Góes Calmon, Miguel Calmon du Pin e Almeida e Antônio Calmon; mangabeirista, de Octávio Mangabeira. Cf. TAVARES, Luis Henrique Dias. História da Bahia. 10. ed. revista e ampliada. Salvador: EDUFBA; São Paulo: UNESP, 2001; SAMPAIO, Consuelo Novais. Partidos políticos da Bahia na primeira república: uma política de acomodação. 2. ed. Salvador: EDUFBA, 1999; PANG, Eul-Soo. Coronelismo e oligarquias, 1889-1943: a Bahia na primeira república brasileira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.
- 9 Essas lutas políticas teriam repercutido tanto na sua formação que, em 1912, por ocasião do bombardeio federal à capital baiana, resolveu não seguir a mesma carreira do pai, bacharel em direito, e optou por ingressar no curso de medicina. SANTOS, Roberto Figueira, op. cit., p. 14 e 26.
- 10 TAVARES, op. cit.; SAMPAIO, op. cit.; PANG, op. cit.
- 11 SANTOS, Roberto Figueira, op. cit., p. 27-29.
- 12 Ele teve uma atuação importante na Constituinte Estadual de 1934, quando elaborou o anteprojeto do governo que serviu de base ao trabalho constituinte. TAVARES, op. cit., p. 394 e 399.
- 13 SANTOS, Roberto Figueira, op. cit., p. 36-37.
- 14 SANTOS, Roberto Figueira, op. cit., p. 29; DIAS, André Luis Mattedi. A Escola

- Polytechnica: a matemática dos engenheiros. In: \_\_\_\_\_. *Engenheiros, mulheres, matemáticos: interesses e disputas na profissionalização da matemática na Bahia (1896-1968)*. 2002. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade São Paulo, São Paulo, 2002.
- 15 O conceito de modernização conservadora foi formulado por Barrington Moore Jr. na sua tentativa de explicar a modernização da sociedade alemã na passagem do século XIX para o XX, quando o processo de industrialização contou com a participação fundamental dos grandes proprietários de terra, cujos interesses foram contemplados com a manutenção da estrutura fundiária daquele país. Citado por DOMINGUES, José Maurício. A dialética da modernização conservadora e a nova história do Brasil. Dados, Rio de Janeiro, v. 45, n. 3, p. 459-482, 2002. Já Vianna empregou o conceito gramsciano “revolução passiva” para explicar a revolução burguesa no Brasil, considerando a modernização conservadora como um de seus momentos, iniciado com o golpe de 1930, quando “as amplas demandas por modernização econômica e social são acolhidas por setores tradicionais das elites, sob a liderança dos estados de Minas Gerais e do Rio Grande do Sul [...] com o apoio de parte do tenentismo, das camadas médias e da vida popular nos centros urbanos [...] sem se desprender, contudo, das suas bases agrárias, de onde as elites tradicionais extraem recursos políticos e sociais para a sua conversão ao papel de elites modernas, vindo a dirigir o processo de industrialização”. VIANNA, Luiz Werneck. Caminhos e descaminhos da revolução passiva à brasileira. Dados, Rio de Janeiro, v. 39, n. 3, 1996. Sobre a modernização conservadora na Bahia, ver GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. A formação e a crise da hegemonia burguesa na Bahia. 1982. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1982; SANTOS, Luis A. de Castro. As origens da reforma sanitária e da modernização conservadora na Bahia durante a primeira república. Dados, Rio de Janeiro, v. 41, n. 3, 1998.
- 16 Na época, as escolas de odontologia e farmácia eram anexas à Famed, enquanto que a Escola de Belas Artes integrou-se às demais em um segundo momento, ainda em 1946, mas depois da fundação oficial. DEPARTAMENTO CULTURAL (UFBA). Documentos históricos. Salvador, 1971.
- 17 Sobre a ‘Concentração Autonomista’, ver SILVA, Paulo Santos. Âncoras de tradição: luta política, intelectuais e construção do discurso histórico na Bahia (1930-1949). Salvador: EDUFBA, 2000.
- 18 As oligarquias baianas dominantes manifestaram-se contra o golpe de 1930. No plano local, as facções mangabeiristas e calmonistas tinham estabelecido um acordo que levava o estado a uma fase de estabilidade política. As possibilidades de recuperação do prestígio político no nível federal eram boas com a presença de Octávio Mangabeira no Ministério das Relações Exteriores do governo Washington Luis (1926-1930) e do governador Vital Soares (1928-1930), na vice-presidência da chapa vencedora de Júlio Prestes. Apenas um reduzido grupo de políticos e de jovens acadêmicos liderados por J. J. Seabra integraram ou apoiaram a Aliança Liberal na Bahia. TAVARES, op. cit., p. 380.
- 19 Além deste, a Fundação também financiou outros projetos que tiveram a participação da UBA, como, por exemplo, aqueles de pesquisa tecnológica desenvolvidos pelo Instituto de Pesquisas Tecnológicas da EP (IPT).
- 20 Sobre a participação de alunos da FF no projeto, ver AZEVEDO, Thales de. Desaparece o último dos pioneiros dos antropólogos brasileiros de formação médica. Hist. cienc. saude-Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 2, n. 4, p. 133-171, mar.-jun. 1996. Sobre os seminários de antropologia na FF, ver: Arquivos da Universidade da Bahia (Faculdade de Filosofia). Salvador, v. I-VII, 1952-1961.
- 21 Foram bastante profícuas as relações do reitor Edgard Santos com os deputados federais autonomistas Luiz Viana Filho e Aloísio de Carvalho Filho, que defenderam os pleitos da UBA na comissão de orçamento da Câmara. SANTOS, op. cit., p. 104.
- 22 SILVA, op. cit.
- 23 AZEVEDO, op. cit., p. 165.
- 24 Juracy Magalhães, que governou de 1959 até 1962, foi o único governador do período que não pertenceu ou não foi diretamente apoiado pela corrente autonomista.
- 25 Ele foi o candidato preferido pelos autonomistas da União Democrática Nacional (UDN) para a sucessão de Octávio Mangabeira. TAVARES, op. cit., p. 464-465.
- 26 GUIMARÃES, op. cit.
- 27 SANTOS, Roberto Figueira, op. cit., p. 82.
- 28 GUIMARÃES, op. cit.
- 29 SANTOS, Roberto Figueira, op. cit., p. 99-100.
- 30 GUIMARÃES, op. cit., p. 7-10.
- 31 CRUZ, Rossine Cerqueira da. Bahia: exemplo de “desconcentração econômica concentrada”. In: CRUZ, Rossine Cerqueira da. A inserção de Feira de Santana (BA) nos processos de integração produtiva e de desconcentração econômica nacional. 1999. Tese (Doutorado em Economia) – Universidade de Campinas, Campinas, 1999.
- 32 A localização do primeiro poço no Lobato remonta a 1930. Ao longo daquela década, técnicos do Departamento Nacional de Pesquisa Mineral (DNPM) procederam a inspeções e perfurações na região com resultados negativos, até que o petróleo jorrou ali em janeiro de 1939. A BAHIA e o petróleo. A Tarde, Salvador, 28 out. 2001. Caderno 8, suplemento especial.
- 33 SANTOS, Roberto Figueira, op. cit., p. 87-88; CARVALHO, Maria do Socorro Silva. Imagens de um tempo em movimento: cinema e cultura na Bahia nos anos JK (1956-1961). Salvador: EDUFBA, 1999, p. 129.
- 34 PINHEIRO, op. cit., p. 3.
- 35 Ibidem, p. 81.
- 36 Ibidem, p. 82.
- 37 Ibidem, p. 84.
- 38 Ibidem, p. 84.
- 39 Ibidem, p. 86.
- 40 No âmbito político, veja o conceito de oligarquia proposto por PANG, op. cit. No âmbito intelectual, veja MACHADO NETO, Antônio Luiz. A Bahia intelectual (1900-1930). Universitas, Salvador, n. 12-13, p. 261-305, 1972.
- 41 Cf. CARVALHO, op. cit.
- 42 RISÉRIO, op. cit.
- 43 A Escola de Música foi fundada em 1954; as escolas de Dança e Teatro, em 1956; a Escola de Geologia, em 1957; o Instituto de Química, em 1958; a Escola de Administração, em 1959; em 1960 foi inaugurado o novo prédio da EP; o da FLDB, em 1961.
- 44 De fato, Edgard Santos faleceu em 1961, pouco tempo depois de seu afastamento da reitoria.
- 45 LIMA, Arlete Cerqueira. Depoimento. Cadernos do IFUFBA. Salvador, ano I, n. 3, p. 36-53, jul. 1985.
- 46 Professora de didática da matemática e vice-diretora da Escola de Aplicação da FF, já era bem conhecida do reitor, pois fora ele quem autorizara em 1952 sua viagem com o objetivo de observar o ensino da matemática na Europa. Quando retornou, ela organizou o I Congresso Brasileiro de Ensino da Matemática no Secundário, contando com o apoio dele. DIAS, André Luís Mattedi. As fundadoras do instituto de matemática e física da universidade da Bahia. Hist. cienc. saude-Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 7, n. 3, p. 653-674, nov. 2000-fev. 2001.
- 47 A primeira comissão era formada pelos profs Ernesto Luiz de Oliveira Júnior, Flávio Suplicy de Lacerda e Otávio Reis de Catanhede de Almeida. A instalação do Instituto de Química da UBA resultou do convênio firmado com o Cosupi em junho de 1958. TIETBOHL, Ary Nunes. Depoimento. Scientia. São Leopoldo, RS, v. 2, n. 1, p. 29-35, jan.-jun. 1991.
- 48 SANTOS, Roberto Figueira, op. cit., p. 89.

- 49 SANTOS, Roberto Figueira, op. cit., p. 139.
- 50 Ramiro de Porto Alegre Muniz, gaúcho nascido em 1926, começou seu curso de física na Faculdade Nacional de Filosofia em 1949, mas se transferiu para a Universidade da Califórnia, Berkeley, em 1952, contemplado com uma bolsa do CNPq. Lá, concluiu a graduação e o mestrado, mas teve de retornar em 1956, quando iniciava o doutoramento, por causa da crise financeira que provocou o cancelamento de sua bolsa. No retorno ao Rio de Janeiro, não conseguiu emprego em sua área profissional em nenhuma das instituições de ensino ou pesquisa existentes à época, razão pela qual foi trabalhar no Conselho de Desenvolvimento, um recém-inaugurado instituto de pesquisas econômicas, onde conheceu Rômulo Almeida. MUNIZ, Ramiro de Porto Alegre. Depoimento. Cadernos do IFUFBA. Salvador, ano I, p. 62-78, 1985.
- 51 Isaias Alves de Almeida (1888-1968), educador baiano, bacharel em direito (1910), Master of Arts e Instructor in Psychology pelo Teacher's College da Universidade de Columbia (1931), exerceu o magistério e publicou livros e artigos na área da educação. No Rio de Janeiro, de 1933 a 1938, ocupou altos cargos durante o governo de Getúlio Vargas, exerceu vários mandatos no Conselho Federal de Educação. Na Bahia, foi secretário da Saúde e Educação durante a interventoria de seu irmão Landulpho Alves de Almeida (1938-1942) e diretor fundador da Faculdade de Filosofia de 1942 até 1958, quando se aposentou compulsoriamente. Católico fervoroso e nacionalista extremado, foi destacado participante do movimento integralista brasileiro. DIAS, 2002.
- 52 MUNIZ, Ramiro de Porto Alegre. Entrevista. Rio de Janeiro, 6 jul. 2000. 53 MATTOSO, Kátia de Queirós. Introdução. In: \_\_\_\_\_. Bahia, século XIX: uma província no império. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992, p. 9-12.
- 54 MUNIZ, 2000.
- 55 LIMA, op. cit., p. 44.
- 56 MUNIZ, 2000.
- 57 DIAS, 2002, cap. 3.
- 58 DIAS, 2002, cap. 2.
- 59 MARQUES, Octamar P. Pasta funcional. Salvador, Arquivo da EP-UFBA; \_\_\_\_\_. Entrevista. Salvador, 4 set. 2000.
- 60 José Walter Bautista Vidal (1934) ingressou na Escola Politécnica da Bahia em 1954 e formou-se em 1958, quando recebeu o prêmio Wanderley de Pinho da Congregação da EP, por ter sido considerado o aluno mais destacado da turma. Ainda estudante, ganhou uma bolsa da UBa para realizar um estágio no Instituto de Óleos do Rio de Janeiro nas férias de verão de 1956, orientado por J. J. da Costa Nunes. Monitor do Departamento de Física da EP em 1956, tornou-se auxiliar acadêmico em janeiro de 1958. BAUTISTA VIDAL, José Walter. Pasta funcional. Salvador, Arquivo da EP-UFBA.
- 61 BAUTISTA VIDAL, José Walter. Carta para Guido Beck, 1961. ACERVO Guido Beck. Rio de Janeiro: CBPF.
- 62 BAUTISTA VIDAL, José Walter. Carta para Guido Beck, 1962. ACERVO Guido Beck. Rio de Janeiro: CBPF.
- 63 BAUTISTA VIDAL, José Walter. Carta à Congregação da Escola Politécnica. Salvador, 8 set. 1964. In: \_\_\_\_\_. Pasta funcional. Salvador, Arquivo da EP-UFBA.
- 64 Nos anos de 1960, protagonizaram a cena política baiana alguns dos filhos das mesmas oligarquias que dominaram durante a Primeira República, dentre outros: Miguel Calmon du Pin e Almeida Sobrinho, da mesma oligarquia calmonista, tornou-se reitor da UBa em 1964 e teria sem dúvida um futuro político proeminente não fosse a morte prematura em 1965, quando foi substituído por Roberto F. Santos, filho de Edgard Santos, professor da Famed, que trilhou destacada carreira política, tornando-se posteriormente governador do estado e ministro da Saúde.
- 65 DEPARTAMENTO DE FÍSICA [IMF, Universidade da Bahia]. [Relatório e programação, 1961]. Salvador, Arquivo do IM-UFBA.
- 66 SEÇÃO DE FÍSICA (IMF, Universidade da Bahia). Plano de atividades para 1961 e 1962. Salvador, Arquivo do IM-UFBA.
- 67 SERPA, Luiz Felipe Perret. Relatório. Salvador, 13 ago. 1962. Salvador, Arquivo do IM-UFBA.
- 68 CUNHA, Waldez Alves da. [Entrevista]. [Salvador, 1962]. Salvador, Arquivo do IM-UFBA.
- 69 DEPARTAMENTO DE FÍSICA. Resumo das atividades, jan./jun. 1964. Salvador, Arquivo do IM-UFBA.
- 70 INSTITUTO DE MATEMÁTICA E FÍSICA [Universidade da Bahia]. Plano trienal de atividades, 1965-1967. In: UNIVERSIDADE DA BAHIA. Boletim Informativo, seção segunda, parte cultural. Salvador, ano VIII, n. 93, p. 19-33, jul. 1964, p. 27. (Original depositado no Arquivo do IM-UFBA).
- 71 Ibidem, p. 27-28.
- 72 Ibidem, p. 30 e 33.
- 73 Ibidem, p. 32.
- 74 ESTUDOS de Física na Bahia decepcionam César Lattes. A Tarde, Salvador, 23 jan. 1967, p. 3.
- 75 I. DE FÍSICA contesta declarações de C. Lattes. A Tarde, Salvador, 24 jan. 1967.
- 76 Bautista Vidal reconhece explicitamente a contribuição fundamental desses dois últimos para o sucesso do plano de geofísica na UBa. VIDAL, Bautista. Depoimento, p. 63.
- 77 DEPARTAMENTO DE FÍSICA [IMF, UBa]. Relatório de atividades, 1966-1967. Salvador, Arquivo do IM-UFBA, p. 5.
- 78 CONVENIO PETROBRAS-UBa. Boletim Informativo (Universidade da Bahia). Seção segunda, parte cultural. Salvador, ano X, n. 102/103, p. 78, maio/jun. 1965.
- 79 Em 1965, Miguel Calmon nomeou Bautista Vidal para a subcomissão da Comissão de Planejamento da Universidade que trataria da questão dos institutos na reforma universitária. BAUTISTA VIDAL, José Walter. Pasta funcional. Salvador, Arquivo da EP-UFBA.
- 80 ADQUIRIDO computador pela Universidade. Boletim Informativo (UFBA). Seção segunda, parte cultural. Salvador, ano XI, n. 117, p. 110, ago. 1966.
- 81 DEPARTAMENTO DE FÍSICA [IMF, UBa]. Relatório das atividades, 1966. Salvador, Arquivo do IM-UFBA.
- 82 INSTITUTO DE MATEMÁTICA E FÍSICA (UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA). Folha interna de pagamento de pessoal, Programa PETROBRAS. Salvador, jan. 1966-dez. 1967. Salvador, Arquivo do IM-UFBA.
- 83 Veja notas 1 e 2.